



CHRONICA

FINIS PATRIÆ

MEU CARO GUERRA JUNQUEIRO

LI o seu *Finis Patriæ* que fez o favor de enviar-me com tão boas palavras de amizade.

Li-o com a admiração que tenho ha muito das suas poesias. Essa riqueza de imaginação não afrouxa; o simples sentimento vulgar ou as nossas mais sêccas abstracções são na sua bôcca e no seu espirito corpos animados e gigantescos. Veste e transforma o que aos nossos olhos não passa de um esqueleto bem descarnado; dá-lhe musculos e sangue e movimento. Tira anjos e monstros das nevas do nosso espirito; e deixa-nos sempre impressões de surpresa e de pasmio.

Devo porém confessar-lhe que d'esta vez a minha admiração não foi exempta de magoa.

Imagine que para ler o seu trabalho deixei um outro em que encontrava estas palavras a respeito de Gay, um pintor russo:—«A arte deve sujeitar-se aos mais altos fins da vida, e a arte pela arte é para Gay o mais completo absurdo. Como a religião, deve ser prática, progressiva e moral; deve conformar-se com o que os tempos modernos reclamam, com o fim de tornar-se uma fôrça para o Bem. O divorcio entre o Bello e a Verdade e o Bem é um sacrilegio que traz consigo o seu proprio castigo».

Ha muito penso assim e a leitura recente vinha avivar as minhas velhas idéas. Calcule pois qual o criterio com que abri o seu livrinho.

Li-o naturalmente procurando-lhe a significação e o valor moral, visto que d'elles faço sacramento indispensavel para julgar boa qualquer obra. Foi então que *Finis Patriæ* me magoou, reconhecendo que discordavamos.

Antes de melhor accentuar os pontos em que discordamos, uma cousa preciso dizer-lhe, e é que reconheço a rectidão das suas intenções. Não ponho em duvida que aquellas paginas fôrão escriptas n'um sincero e ardente desejo de bem servir a nossa patria; nem outros sentimentos convêm ao caracter e á candura da poesia. Sómente parece-me que os meios empregados são contraproducentes. Houve porcerto leviandade ou imprudencia, que má intenção não podia havel-a.

Ha nos seus versos uma suspeita de odio que faz calar a piedade. Os hospitaes, os camponeses, os pescadores, os condemnados, todos os miseraveis que alli se juntaram, não gemem de frio e de fome, uivam de raiva. Deante d'elles uns terão vontade de fugir, outros de esmagar tamanhas feras, e muito poucos, raros, terão vontade de dar-lhes pão, acudir-lhes ou domestical-as. Ora se a patria está desgraçada—e sabemos todos até que extremo,—o que devemos não é semear ventos, de que con-

forme o proverbio se colhem tempestades. Devemos ensinar-lhe antes que a pobreza pode ser nobre, e que a resignação e a humildade são e serão sempre as mais sublimes virtudes.

Depois, meu caro Junqueiro, eu quizera vêr o seu livro expurgado d'aquellas palavras que podem dar-lhe o aspecto de pamphleto pedindo a condemnação de um rei ou de qualquer outro homem. Essas cousas podem fazer-se, tudo depende do pensar de cada um e da maneira por que entender os seus deveres e obrigações. Mas fazem-se directamente, de peito descoberto, mãos nos bolsos e chapéo na cabeça, e nunca envolvidas n'uma bandeira sagrada ou deante de um altar em que devemos ajoelhar com o coração lavado de toda a macula.

Decerto está lembrado que o partido regenerador, quando mandou para Londres o Barjona, aproveitando no interesse partidario, e portanto particular, uma questão de honra nacional, apanhou uma nodoa que nem todos os Cambournacs do mundo poderão desvanecer. Isso não se faz impunemente.

Finalmente, discordo ainda do seu pensamento quando fala á mocidade das escholas. Não procuraria inflamar-a em exaltação de heroismo, mas repetir-lhe hia singellamente as palavras de A. Dumas aos seus compatriotas em 1873: «*Tu viens de payer cher, elles ne sont même pas encore toutes payées, tes fautes d'autrefois. Il ne s'agit plus d'être spirituel, léger, libertin, railleur, sceptique et fôlatre; en voilà assez pour quelque temps au moins. Le Dieu, la nature, le travail, le mariage, l'amour, l'enfant, tout cela est sérieux, très sérieux, et se dresse devant toi. Il faut que tout cela vive ou que tu meures.*»

A' mocidade não diria que beijasse a Patria moribunda, nem que pegasse em espadas e clavinas, nem mesmo que se matasse sem saber para que; não a convidaria a representar tragedias. A essa mocidade eu diria:

Que vivesse muitos annos e bons para o trabalho e para a honra, e que se ha de morrer de uma bala entre os negros da Africa, melhor é consumir-se a desbravar as charneças do Alemtejo para sustentar uma familia e dar á sua patria muitos filhos e sãos, physica e moralmente;

Que visse a judiaria reinante, as suas amantes, os seus prazeres, as suas carruagens e os seus bailes e que os odiasse; não a elles pessoalmente que para castigo bastam-lhes os tormentos proprios da sua existencia depravada; mas aos seus sentimentos, ao seu immoderado amor da riqueza e ao desprêzo da miseria;

Que uma enxada, uma alavanca e um martello valem bem o theodolitho, a tóga e a seringa de Pravaz. Todo o trabalho é igualmente digno. Os mais heroicos serão os que por seu esforço souberem libertar-se d'esse proletariado dos bachareis, na phrase de Bismarck, alliviando o paiz do parasitismo que o consome;

Que não ha melhor maneira de servir o seu paiz do que bem cumprir cada um o seu dever na sua profissão. E para isso nenhum exemplo seria melhor e mais fecundo do que uma mocidade disciplinada, obediente á lei e applicada ao trabalho;

E que ás vaidades e ao epicurismo da gente corrompida que nós lançou na miseria, oppuzesse uma intemerata modestia e o mais rudê estoicismo.

Aqui tem, meu amigo, as impressões que o seu livro me deixou. Disse-as com a franqueza que a amizade pede e que a materia impõe.

Só me resta dizer-lhe a ultima e a melhor de todas ellas.—E' que termino esta carta na esperança de que breve verei resgatado por qualquer trabalho digno da sua bella alma, o que o *Finis Patriæ* possa ter de obscuro e perigoso.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.



AS NOSSAS GRAVURAS

Os dois gêmeos

O quadro que orna a primeira pagina do presente numero da *Illustração*, traz a assignatura de Louis Deschamps, artista que os nossos leitores já conhecem de ha muito, porque não é esta a primeira vez que os seus trabalhos abrilhantam as paginas da nossa revista.

Louis Deschamps é um artista de grande valor, discipulo dilecto do illustre pintor Ribot. Pela sua *maneira* de pintar lembra-nos por vezes Columbano, o artista mais poderoso e mais individual que possui a arte portugueza. Contudo Deschamps sacrifica por vezes a sua individualidade ás exigencias da moda, emtanto que Columbano se conserva o inalteravel, o intransigente e nobre artista, defendendo hoje as mesmas doutrinas que defendia ha dez annos.

Os dois gêmeos tiveram grande exito no *Salon* de Paris. A reproducção do quadro traz a assignatura de Ch. Baude. E' quanto basta.

*
*
*

Monumento a Flaubert

Foi no jardim de Solferino, de Rouen, contra as paredes do novo museu, que foi levantado o monumento a Gustavo Flaubert, áquelle que escreveu a *Madame Bovary*.

Pela nossa gravura verão os leitores a importancia da obra escultural de Chapu, um dos artistas mais notaveis de França.

Tambem mostramos a casa natal do illustre romancista, e uma vista da casa de campo de Croisset onde elle passou a maior parte da sua vida e onde morreu, em maio de 1880.

Gustavo Flaubert nasceu a 12 de dezembro de 1821 n'um dos pavilhões do Hotel-Dieu, de Rouen, que seu pae habitava como cirurgião do hospital. Em 1888 havia-se collocado uma placa commemorativa na parede do pavilhão.

Foi alli que se passaram os primeiros annos de Flaubert. Quanto á casa de campo de Croisset, era uma linda casa de estylo antigo, collocada á beira do Sena, entre Rouen e a Bouille, no meio de um magnifico jardim que se extendia por detraz da casa.

Maupassant descreveu o vasto gabinete de trabalho com cinco janellas, onde escrevia Flaubert. Sobre a chaminé, dois grandes deuses indios em madeira colorida; as paredes cobertas de estantes; e vastos divans completavam a mobilia, com alguns retratos de amigos e algumas recordações de viagem, entre outras um pé de mumia, que um creado lôrpa engraxou um dia como se fôra uma bota, e que não houve meio de limpar.

Das janellas d'este gabinete viam-se passar